

Núcleo de Educação Popular - 13 de Maio São Paulo, SP.

CRÍTICA SEMANAL DA ECONOMIA

Tel. (11) 8201 6059 ou (11) 92357060. e-mail: criticasemanal@uol.com.br

EDIÇÃO nº 1012/1013; ano 24; 4ª semana Março 1ª Abril/2010.

Os economistas e a China. José Martins.

Para entender melhor essa pendenga entre os economistas sobre o câmbio chinês, deve-se notar que eles não entraram por conta própria nessa discussão. Existem diferentes interesses materiais e diferentes movimentações políticas dentro das classes dominantes dos EUA que orientam as considerações teóricas dos seus mais destacados porta-vozes econômicos.

Paul Krugman, atual prêmio Nobel de Economia, o mais popular dos economistas no mundo, tem uma maneira muito peculiar de abordar os grandes problemas da economia internacional. Com a maior leviandade possível. É o que se pode verificar, mais uma vez, pela sua opinião sobre os recentes entreveros entre os EUA e a China a respeito do verdadeiro valor do Yuan, a moeda chinesa.

Para Krugman, uma suposta política chinesa de desvalorização cambial e de crescentes superávits comerciais provoca um “efeito depressivo” no crescimento econômico dos Estados Unidos, Europa e Japão. De acordo com sua abalizada opinião, se a moeda chinesa fosse revalorizada haveria um “significativo impacto” para a recuperação global. Infelizmente ele não dá nenhuma justificativa para essas afirmações. Parece que um prêmio Nobel é como um papa. As suas afirmações valem por si só como confirmações.

ÁSPERA DISCUSSÃO – Mas nosso economista pop vai mais longe. “Se impusermos [nós os EUA, ele quer dizer] mudanças na política cambial chinesa, poderíamos ajudar o mundo”. Quando lembra que a China é o maior credor externo dos EUA e poderia responder com a retirada de boa parte dos 900 bilhões de dólares atualmente aplicados em títulos da dívida pública do seu país, ele fica ainda mais valente: “Não devemos ter medo do que a China poderia fazer se a pressionarmos para parar essa manipulação de divisas. Os EUA devem ser mais agressivos nas negociações com a China, combatendo esse tipo de câmbio com medidas como barreiras alfandegárias e subsídios à exportação. Sem uma verdadeira ameaça, não vamos a lugar nenhum”¹

Essas opiniões rasteiras sobre o problema e ameaças de guerra comercial de Krugman receberam severa reprimenda de Stephen Roach, outro conhecido economista norte-americano, diretor da divisão asiática do Morgan Stanley, o maior banco de investimentos do mundo: “Krugman está dando a Washington um conselho muito ruim, um péssimo conselho. Temos que tirar o taco de

¹ Bloomberg News – “Krugman Says China Yuan Policy Depresses Global Economic Growth” – 12 Março 2010.

basebol da mão de Paul Krugman... Eu penso que sua opinião está completamente errada. Estamos descartando a China ao invés de atraí-la para nossos próprios interesses.”²

Ao contrário de Krugman, Roach é um economista que trata as coisas com mais responsabilidade. Por isso, embora não seja tão popular (e por isso mesmo) sempre levamos seriamente neste boletim suas análises sobre a crise e outros movimentos da dinâmica global. Como partidário de uma doutrina mais “internacionalista” da acumulação do capital do seu país, Roach encontra-se em uma posição mais favorável para enxergar os desdobramentos da economia.

Então, para entender melhor essa pendenga entre os economistas, deve-se notar que eles não estão sozinhos nessa discussão do câmbio chinês. Existem por trás diferentes interesses materiais e diferentes visões dentro das classes dominantes dos EUA que orientam as considerações teóricas dos seus mais destacados porta-vozes econômicos.

A VOZ DO CAPITAL – Através de um pesadíssimo editorial do principal jornal de negócios do mundo, a fração dominante da burguesia norte-americana de Wall Street, defensora do livre-mercado e da globalização dos mercados, revela (e condena) o que está por trás das contorções protecionistas de Krugman e *tutti quanti*: tentar resolver seus problemas internos inventando um bode expiatório externo: “Como se a economia mundial já não estivesse suficientemente frágil, políticos nos Estados Unidos e China parecem estar se preparando para travar um velho modelo de guerra cambial. Os EUA estão aqui mais errados que a China e é importante entender por que, antes que os dois países mandem o mundo de volta para a era sombria do protecionismo cambial do *arruinar-o-teu-vizinho*... O presidente dos Estados Unidos Barack Obama elevou o tom nesse tema, na última semana, convocando Pequim a adotar uma ‘taxa de câmbio mais orientada pelo mercado’, o que poderia ‘contribuir substancialmente para o esforço de reequilíbrio global’. Menos diplomaticamente, 130 parlamentares do Congresso mandaram uma carta ao Tesouro, nesta semana, ordenando que, a não ser que a China deixe o Yuan se valorizar, que os EUA imponham tarifas sobre as mercadorias chinesas. Exatamente o que o mundo precisa: uma guerra comercial.”³

Os donos do jornal não falam como a burguesia idiota e nacionalista, protecionista de empresas incompetentes no mercado mundial. Falam em nome do capital, antes de tudo. É a voz do capital. O restante do editorial é para dar lições de economia aos Obamas, parlamentares e, *off course*, ao intrépido prêmio Nobel de Economia. Vejam esta: no centro do argumento dos nacionalistas e protecionistas de que o Yuan deve ser deixado ao livre jogo do mercado para que ele sofra a devida revalorização, “existe um básico desconhecimento de política monetária”, diz o editorial. Concluindo, nas próprias palavras do jornal: “Não existe livre-mercado de divisas, como o que existe para trigo ou bananas. As divisas são comercializadas nos mercados globais, mas sua oferta é controlada

² Bloomberg News – “Roach Spars With Krugman Over Call to Pressure China” – 19 Março 2010.

³ The Wall Street Journal – “The Yuan Scapegoat – the US establishment flirts with a currency and trade war with China” – 18/Março/2010

pelo cartel dos bancos centrais, o qual detém o monopólio da criação de dinheiro. O Federal Reserve (banco central dos EUA) controla a oferta global de dólares e isso exerce uma influência sobre o valor desta divisa maior do que qualquer outro ator individual.” (The Wall Street Journal, idem).

Krugman é porta voz da burguesia burra, nacionalista, protecionista principalmente das pequenas e médias empresas de *bens de consumo não duráveis* (calçados, confecções, tecidos, etc.) que permanecem no território norte-americano e sofrem diretamente a concorrência das exportações chinesas. Grande parte dessas pequenas empresas acaba também, como as empresas globais, deslocando sua produção (montagem é a palavra mais apropriada) para a China, voltando como mercadorias exportadas por esta última para os EUA.

Roach, ao contrário, é porta-voz da burguesia norte-americana liberal e globalizante. Ou, como o *The Wall Street Journal*, do próprio capital que, por natureza, só pode realizar plenamente suas leis e, principalmente, suas contradições, no espaço do mercado mundial. Como em Fausto, duas almas habitam o mesmo corpo burguês. A primeira, progressista e ricardiana. A segunda, reacionária e malthusiana. Roach encarna a primeira, Krugman a segunda. E o pêndulo do capital se movimenta na direção de uma ou da outra de acordo com a intensidade do ciclo econômico.

No próximo boletim pretendemos concluir esse assunto com notícias sobre surpreendentes mudanças recentes e outras considerações acerca da realidade estrutural do comércio externo chinês.

Para receber **semanalmente** em seu email análises econômicas como esta que você acabou de ler, assine e divulgue o boletim **CRÍTICA SEMANAL DA ECONOMIA**, do 13 de Maio, Núcleo de Educação Popular, S.Paulo.

Em 2010, estamos completando **24 ANOS DE VIDA**.
Vinte e quatro anos informando e educando a **classe trabalhadora!**

ASSINE AGORA A CRÍTICA Ligue agora para (11) 9235 7060 ou (11) 8201 6059 ou escreva um e-mail para criticasemanal@uol.com.br e saiba as condições para a **assinatura!**